

País falha em modelo para controlar carestia

» BÁRBARA NASCIMENTO

A dificuldade de o governo brasileiro manter a inflação sob controle e próxima ao centro da meta anual, de 4,5%, é um dos temas de destaque da corrida presidencial e deve pesar no resultado das urnas. Apesar de perseguir a maior taxa de carestia do mundo, o Brasil só se manteve abaixo desse alvo três vezes nos últimos 16 anos. Mais recentemente, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) tem ficado mais perto do teto da meta, de 6,5%, do que do objetivo inicial. E até mesmo o generoso intervalo de tolerância, de 2 pontos percentuais, tem sido respeitado. Desde 1999, o limite foi rompido três vezes.

Os 4,5% estão no centro da meta brasileira desde 2005. Mas, numa lista de 25 países que adotam esse regime para domar a carestia, o alvo dominante se aproxima de 3% anuais. Para o Reino Unido e a República Tcheca é 2%. A margem permitida para mais ou para menos, quando existe, geralmente fica em um ponto percentual. “No Brasil, a banda é de 2 pontos, uma facilidade a mais para quem já tem o maior patamar mundial”, ressalta Virene Matesco, professora da Fundação Getulio Vargas (FGV).

O descumprimento da meta não é próprio de mercados emergentes. Na América Latina, por exemplo, Chile e México respeitaram os percentuais fixados na maioria dos anos. No Chile, desde 1999 o objetivo foi cumprido ou a inflação ficou abaixo do patamar 10 vezes. No México, em sete dos 12 anos em que vigora o regime de metas, a carestia ficou no patamar dos 3%, sem bater no limite de 4%.

“A meta dá credibilidade à política monetária. Num regime de metas, a banda é usada para acomodar choques externos, como aumento no preço de commodities e da taxa de câmbio”, analisou a professora Margarida Gutierrez, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ele lembrou que, de 1999 a 2002, o Banco Central optou por não perseguir a meta para não sacrificar o crescimento da economia. “Mas, de 2011 para cá, não houve choque externo e o governo abdicou de controlar a inflação por meio dos juros e caiu no descrédito. Essa postura nos últimos quatro anos custou caro ao Brasil”, acrescentou.

Neste ano, a situação não é diferente. O governo tem feito malabarismos para manter a inflação dentro do intervalo que se comprometeu. Mesmo com o crescimento baixo, tem mantido, durante todo o ano, a carestia em níveis desconfortáveis, o que inibe o consumo das famílias e a capacidade de as empresas planejar. Em 12 meses, o IPCA já estourou o teto três vezes e, em setembro, alcançou 6,75%. A expectativa do mercado é de que o ano feche em 6,4%, só 0,1 ponto abaixo do **limite**.

Projeções

Mesmo sem haver o reajuste de combustíveis este ano, sinalizado pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega, os especialistas são unânimes em dizer que o índice oficial de inflação fechará 2014 acima do teto da meta. Há quem estime que ele chegará a 8%, caso todos os preços da gasolina e do diesel recebam o aumento necessário. Esse seria o maior nível desde 2003. “É uma contradição que o Produto Interno Bruto não cresça e, ainda assim, a inflação continue alta. É o pior dos mundos”, analisou Virene, da FGV.

Para o economista André Perfeito, da Gradual Investimentos, o estouro da meta central pode não ser um sinal tão ruim. “Desde 2005, tivemos queda continuada da taxa básica de juros (Selic). Nessa época, ela era de 19,75%. Se disséssemos naquela época que teríamos hoje uma taxa Selic de 11% e com um desemprego de 5%, a expectativa seria de uma inflação anual de 15% ou mais”, ilustrou.

Dragão à solta

Em 16 anos, o governo brasileiro só conseguiu respeitar o centro da meta de inflação três vezes

Objetivo descumprido (em %)

Veja a evolução do regime no país

Ano	Meta original	Meta revisada	Teto	Inflação efetiva
1999	8,0	—	10,0	8,94
2000	6,0	—	8,0	5,97
2001	4,0	—	6,0	7,67
2002	3,5	—	5,5	12,53
2003	3,25	4,0	6,5	9,30
2004	3,75	5,5	8,0	7,60
2005	4,5	—	7,0	5,69
2006	4,5	—	6,5	3,14
2007	4,5	—	6,5	4,46
2008	4,5	—	6,5	5,90
2009	4,5	—	6,5	4,31
2010	4,5	—	6,5	5,91
2011	4,5	—	6,5	6,50
2012	4,5	—	6,5	5,84
2013	4,5	—	6,5	5,91
2014	4,5	—	6,5	6,40*

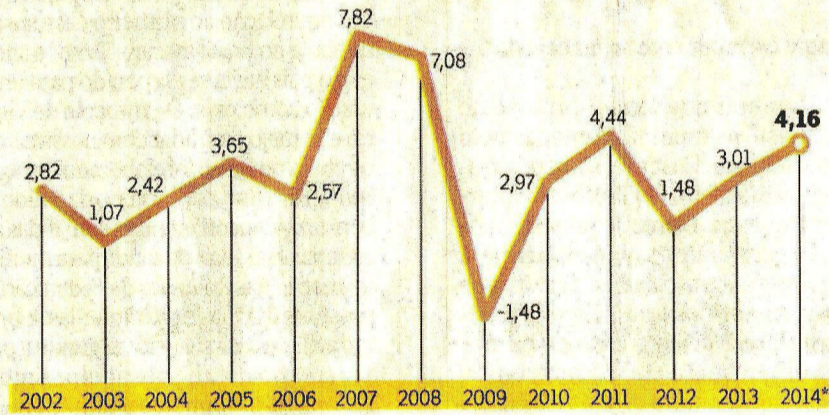
Bom exemplo

Na maioria dos países emergentes, a meta é para ser cumprida

Chile

A meta é de 3%, com banda de 1 para cima ou para baixo

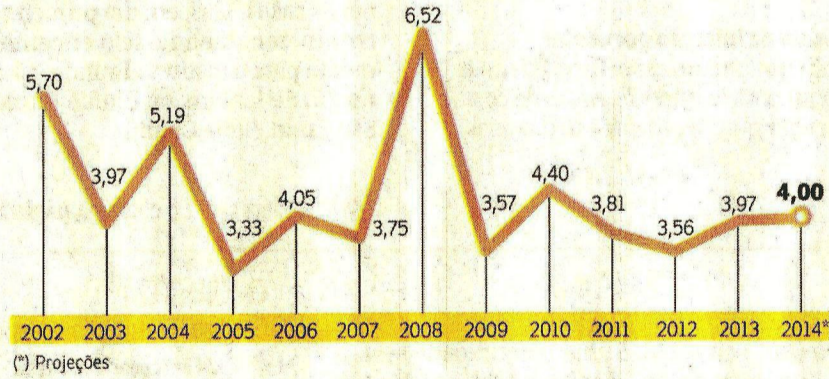
Evolução do custo de vida (em %)



México

A meta é de 3%, com variação de 1 ponto para baixo ou para cima

Comportamento da carestia (em %)

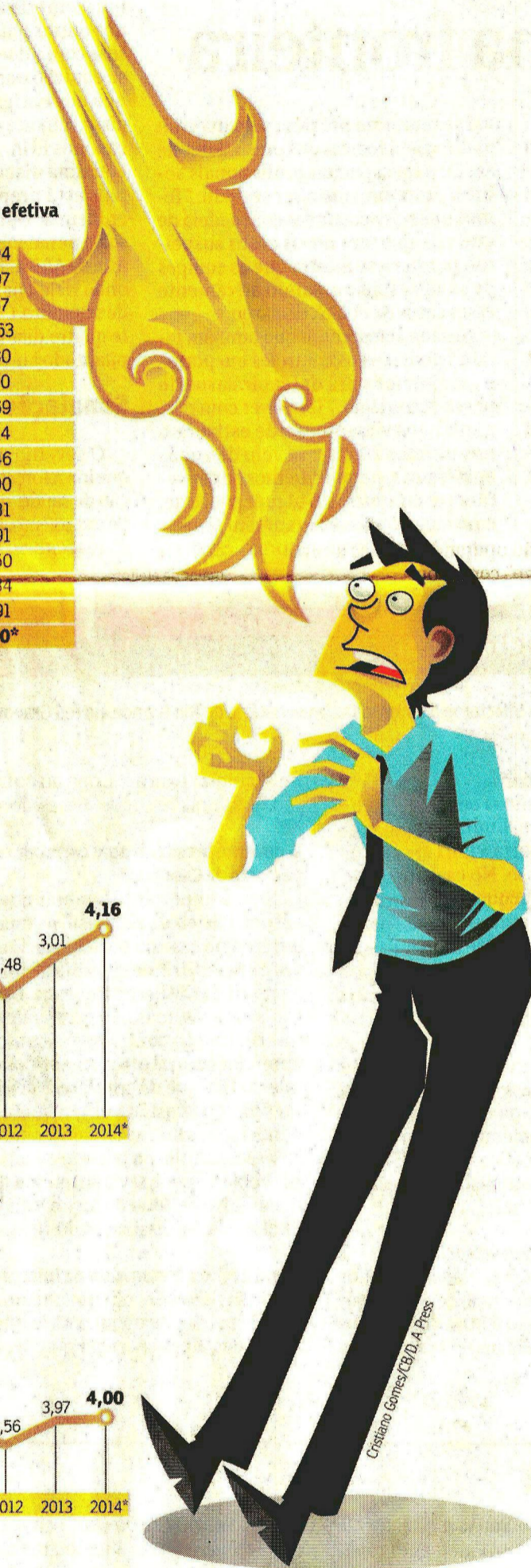


(*) Projeções

Fontes: Banco Central, mercado e FMI

Eletricidade no teto

O valor da eletricidade no mercado de curto prazo atingirá a máxima de R\$ 822,83 por megawatt/hora (MWh) na carga pesada em todas as regiões do país na próxima semana, informou ontem a Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE). A última vez que o valor chegou ao teto permitido pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) foi na semana entre 24 e 30 de maio, de acordo com dados da CCEE. Esta semana, o Preço de Liquidação de Diferenças (PLD) para a carga pesada estava em R\$ 714,65 o MWh no Sudeste/Centro-Oeste, no Nordeste e no Norte, e em R\$ 680,48 no Sul. O preço também subiu na carga média, para R\$ 818,36 o MWh em todas as regiões, e na leve, para R\$ 790,39 por MWh.



Cristiano Gomes/CB/N, A Press